

# editorial

## Bases que temos e não escondemos

N. 3  
6  
83

Os recentes casos da agressão à Matola e do avião-espião sul-africano abatido demonstram como acontecimentos ocorrendo a nível político e a nível militar se relacionam intimamente. A RAS intensifica a sua agressividade contra a RPM nos momentos mais altos da organização do nosso País.

O gráfico da agressão racista acompanha o evoluir da luta de classes e comprova que a guerra que nos move o regime do «apartheid» é, antes de mais, uma guerra contra a civilização que construímos, contra a alternativa socialista que edificamos. As «bases» que o «apartheid» procura no interior de Moçambique não podem ser senão cada um dos 13 milhões de moçambicanos decididos a permanecerem livres num país livre. Uma dessas bases pode ser, por exemplo, essa criança de cinco anos que assassinaram. Pode ser essa creche que metralharam.

A agressividade racista é, ao fim e ao cabo, a comprovação extrema da justeza da prioridade que decidimos conceder à defesa da Pátria. No 4.º Congresso ficou expresso: construir o socialismo é defender a soberania, instalar a tranquilidade.

Mas a defesa não é apenas uma questão militar. Defender a Pátria não compete apenas aos moçambicanos fardados. Defender a nossa integridade é, por exemplo, organizar melhor a população da cidade de Maputo. Os recentes acontecimentos demonstram a urgência de lançarmos mãos à obra de organizar e disciplinar a vida da nossa capital. Uma cidade superpovoada tem dificuldades em organizar a sua

defesa. Uma cidade que não fez de cada quarteirão e de cada fábrica um exemplo de organização terá grande dificuldade em responder a um ataque. Uma cidade que alberga e sustenta um tão elevado número de pessoas improdutivas é como que um corpo entretido a criar culturas de bacilos na sua própria carne.

A defesa do País passa, assim, pela aplicação imediata e sistemática das decisões do 4.º Congresso, transmitidas pelo Presidente Samora Machel no comício de 21 de Maio. Defender a soberania é, também, não pensar que essas orientações se resumem à remodelação governamental anunciada. A remodelação é apenas o princípio da adequação de todo um Governo e um aparelho de Estado para o cumprimento das prioridades no combate contra a fome e pelo reforço dos órgãos de soberania. Dirigir efectivamente nos distritos e nas empresas estratégicas traz outras exigências. Agarrar a marcha da economia e colocá-la no caminho político certo tem implicações que o Congresso definiu claramente e que não são alcançadas por decreto. O comício de 21 de Maio ensinou-nos uma vez mais a coragem e a firmeza da nossa Revolução. Ensinou-nos que não mais se deve condescender com situações que originam a condescendência, com o compromisso que amolecia o gume da catana.

Mais do que nunca a guerra não é uma possibilidade: é uma realidade quotidiana que nos é imposta do exterior. Defender a nossa Pátria, defender a vida dos nossos filhos é fazer viver as decisões do 4.º Congresso do Partido.

Mais do que nunca vivemos um tempo que não permite a indiferença. Ser um homem digno, aqui e agora, é combater pela sua Pátria, pela Revolução.

Temos «bases», sim. E não o escondemos. Somos base desta civilização que traz para uma criança de 5 anos não a morte, mas a infância feliz. E a ela lhe entregamos as chaves da vida sem lhe perguntarmos que cor tem a sua pele.

Somos base desta civilização que traz para a creche de uma fábrica não a metralha assassina mas o carinho e o alimento para que outros, mais do que nós, possam ser homens plenos e felizes.